



FACE AO ACIRRAR DAS DESIGUALDADES, PÓS PANDEMIA, SERÁ FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO, EM TODOS OS SEUS NÍVEIS, E DA DIVERSIDADE DE SABERES, INCLUSIVE A PSICOLOGIA, CONTRIBUIR PARA A CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO DECOLONIAL E ANTI-NECROPOLÍTICA

FRENTE AL AUMENTO DE LAS DESIGUALDADES, TRAS LA PANDEMIA, SERÁ FUNCIÓN DE LA EDUCACIÓN, EN TODOS SUS NIVELES, Y DE LA DIVERSIDAD DE CONOCIMIENTOS, INCLUIDA LA PSICOLOGÍA, CONTRIBUIR A LA CONSTRUCCIÓN DE UN MUNDO DECOLONIAL Y ANTI-NECROPOLÍTICO

FACING THE INCREASING OF INEQUALITIES, AFTER THE PANDEMIC, IT WILL BE THE FUNCTION OF EDUCATION, AT ALL ITS LEVELS, AND OF THE DIVERSITY OF KNOWLEDGE, INCLUDING PSYCHOLOGY, TO CONTRIBUTE TO THE CONSTRUCTION OF A DECOLONIAL AND ANTI-NECROPOLITICAL WORLD

Veloso, Helena Cosma Graça Fonseca¹

Resumo

A pandemia acirrou, assim como evidenciou mais, as desigualdades sociais existentes, tendo tornado as grandes maiorias marginalizadas, ainda mais vulneráveis. Neste trabalho, fizemos uso das contribuições do relatório da comissão internacional para educação da UNESCO e de autores da área de Ciências Humanas e Sociais, para sustentar que pós-pandemia é dever da educação, em todos os seus níveis, e da diversidade de saberes, incluindo a Psicologia, contribuir para a construção de um mundo novo, caracterizado como decolonial e anti-necropolítica.

Palavras-chave: Pós-pandemia; Educação, Psicologia, Decolonial, Anti-necropolítica.

¹ Centro Interdisciplinar de Estudos e Investigação da Universidade Católica de Angola. Psicóloga clínica e Professora. Diretora do Centro. Email: helenaveloso@hotmail.com



Resumen

La pandemia se intensificó, además de evidenciar las desigualdades sociales existentes, haciendo aún más vulnerables a las grandes mayorías marginadas. Social, para sostener esa pospandémica es deber de la educación, en todos sus niveles, y de la diversidad de conocimiento, incluida la Psicología, para contribuir a la construcción de un nuevo mundo, caracterizado como decolonial y antinecropolítico.

Palabras-Clave: *Pospandémica; Educación, Psicología, Decolonial, Antinecropolítica.*

Abstract

The pandemic intensified, as well as made more evident the existing social inequalities, having made the great marginalized majorities even more vulnerable. Social, to sustain that post-pandemic it is the duty of education, in all its levels, and of the diversity of knowledge, including Psychology, to contribute to the construction of a new world, characterized as decolonial and anti-necropolitical.

Keywords: *Post-pandemic; Education, Psychology, Decolonial, Anti-Necropolitics.*

1. Introdução

Quando a pandemia do Corona vírus assolou o mundo, em Angola, no contexto do senso comum dizia-se que o vírus era muito democrático, pois afetava a todas as pessoas de igual forma, as das classes sociais mais e menos desfavorecidas, as mulheres e homens de igual forma, aos negros e as pessoas de peles clara de forma similar também, dentre outras categorias.

Não passou muito tempo para a ciência efectuar a demonstração da superficialidade desta impressão. A ciência (Veloso, 2008) apresentou uma perspectiva contrária advertindo que longe de democrático, o vírus afectava de forma mais negativa os mais vulneráveis (Smith, Judd, 2020), os idosos (Carvalho, 2020, Hammerschmidt et al. 2020), as mulheres (Almeida, 2020, Gomes, 2020, ONU, 2020), os negros, os oriundos de classes sociais mais desfavorecidas (Estrela et al.,

2020), as crianças (Marques et al., 2020), os portadores de transtornos mentais (Lima et al. 2020), pessoas que fazem a experiência da deficiência, entre outras categorias. Mostrou, em suma, que com a pandemia o fosso, ou se quisermos ser mais frontais a fossa das desigualdades foi acirrada e que as grandes maiorias marginalizadas tornaram-se ainda mais marginalizadas. A pandemia não só aprofundou como tornou mais evidente as desigualdades sociais pré-existentes. Pierre Bourdieu (1979) define desigualdade como distribuições desiguais de capitais (económicos, culturais, sociais e outros) que estruturam o espaço social.

O problema da desigualdade não é novo no mundo e tem se tornando cada vez mais crescente (Costa, 2012), o que faz com que tenhamos, nós os intelectuais, de nos preocuparmos com este perturbador fenómeno social cada vez mais crescente e intenso. Os intelectuais, os cientistas das



diversas áreas de saber devem se preocupar, cada um em sua área, inclusive a psicologia, sobre se de alguma forma contribuem para esse devastador fenômeno (ainda que seja não tomando a desigualdade como objecto de reflexão, não se ocupando desta, de suas causas, de suas formas de apresentação, de suas consequências, dentre outras faces desta complexa mazela social) e sobretudo sobre os caminhos para o contornar. Este texto tem sua origem nesta preocupação.

Nele, fazemos uso das contribuições do relatório da comissão internacional para

2. Que educação pode constituir o antídoto para este acirrar das desigualdades decorrentes da pandemia?

Sustentaremos que a resposta a esta questão reside no modelo de educação proposto, pela comissão internacional, para a educação do séc. XXI da UNESCO, a apontada como um tesouro a descobrir.

Fomos informados através do supracitado relatório que num sistema educativo ideal, os processos educativos devem incidir sobre as esferas cognitiva, psicomotora e socioafectiva e que esse trabalho que envolve todas estas dimensões do indivíduo, tem como principal efeito a sua transformação em uma pessoa cada vez melhor. É nos dito nesse relatório que a principal função da educação é melhorar as pessoas, moldá-las transformá-las. É portanto, essa modalidade de educação o tesouro a ser descoberto, por muitos professores, estudantes e intervenientes da área de educação (falamos de gestores de instituições educativas e membros dos governos responsáveis por implementar a diversidade de políticas que tem por objecto a área da educação).

a educação do séc. XXI da Unesco e da diversidade de autores da área das ciências humanas e sociais, para sustentar que na nossa perspectiva o antídoto para a diminuição das desigualdades (enquanto um fenômeno social, decorrente de ações humanas) é a educação. Sim, sustentou-se, neste trabalho, que o antídoto para a fossa das desigualdades que a pandemia acirrou, tornou maior e mais visível, é a educação, mas não uma educação qualquer, senão aquela que a UNESCO designou como um tesouro a descobrir.

Para os membros da comissão internacional sobre a educação para o século XXI são quatro os pilares ou as vigas capazes de sustentar esta casa que é o sistema ideal de educação, abaixo:

- 1- Aprender a conhecer
- 2- Aprender a fazer
- 3- Aprender a viver com os outros
- 4- Aprender a ser

O desconhecimento deste tesouro, de suas plenas potencialidades é que faz com que na educação em todos os seus níveis ou que o ensino, tal como o conhecemos, debruce-se ainda essencialmente sobre o domínio do aprender a conhecer e, em menor escala, do aprender a fazer e quase não abarque os dois outros pilares o aprender a viver com os outros e aprender a ser (sendo este último aspecto o que constitui o conceito fundamental e integrador de todos os outros segundo o relatório).



O que significa aprender a conhecer?

Este pilar se refere à aquisição não apenas dos conhecimentos, mas acima de tudo, aos caminhos para construir conhecimento científico, visa à aquisição de um repertório de saberes codificados, sim, mas sobretudo implica a aprendizagem da capacidade de produzir ciência. Visa, portanto, a aprendizagem do “espírito” e dos métodos científicos e, fundamentalmente, a formação de uma consciência crítica.

Espera-se que um sistema educativo que efectivamente molde a cognição do estudante o eleve, isso significa, o faça deslocar-se progressivamente da cultura do senso comum, (esse saber eivado de conhecimentos falsos, errôneos, porque não problematizados) para posições cada vez mais assentadas na literacia científica. Em termos simples, podemos dizer que a adesão ingênua ao senso comum (representadas por ideologias como o racismo, o machismo, a xenofobia, entre outras) devem ser paulatinamente abandonadas em favor de posições científicas.

Espera-se que alguém a medida em que vá galgando os diversos patamares do sistema educativo consiga desvencilhar-se das produções do senso comum que não possuem fundamento científico nenhum tornando-se não racista, não machista, não xenófobo, etc. O que significa afirmar que em sua vertente preventiva a educação deve ser um elemento promotor de saúde mental.

Aprender a conhecer se assenta na esfera da cognição que recobre todos os elementos necessários ao processamento da informação, como o pensamento, a percepção, a memória, o raciocínio entre outros.

Como vêm este tesouro que consiste no sistema educacional ideal não é fácil de se implementar, pois não vem-lo funcionar na integra em lugar nenhum se assim fosse não teríamos o massacre de afroamericanos nos Estados Unidos e Donald Trump não teria sido lá eleito já que o mesmo representa a junção de forças antiprogressistas reacionárias e anticientíficas que constituem a base da necropolítica. Donald Trump eleito nos Estados Unidos de América, diz-nos que grande parte da população dos Estados Unidos, na altura, se identificaram com o machismo, com o racismo, com a xenofobia, entre outras características exibidas e celebradas pelo actual ex-presidente dos estados unidos. Este facto nos leva a perguntar o que o sistema educacional americano fez por essa maioria que elegeu Donald Trump?

É importante advertir que não é só os que fazem adesão ingênua ao senso comum que se conduzem por intermédio de conteúdos ideológicos nele presentes.

A diversidade de saberes também comporta conteúdos ideológicos ou pseudocientíficos dos quais devem se desfazer. No âmbito da Psicologia podemos dar como exemplo, no contexto da teoria de testes, a afirmação de que as pessoas de pele clara são mais racionais do que as pessoas de pele escura, que seriam mais manuais. No contexto do ocidente onde racionalidade é sinónimo de humanidade, não teria aí subjacente a tese de que negros seriam menos humanos que brancos? Esses conteúdos são ministrados até hoje em sala de aula sem nenhuma crítica, mesmo em países onde a maioria é negra como Angola. Sendo essas ideologias as produtoras da necropolítica, em favor da vida, é importante que haja um esforço por parte da



diversidade de saberes de se despojarem delas.

Viabilizar esta educação, que podemos adjectivar de integral implica em:

- 1- Planeamento rigoroso dos conteúdos da diversidade de currículos em todos os níveis do sistema educativo.
- 2- Na especialização do corpo docente que deve ter formação, domínio e paixão pela matéria que lecciona.)
- 3- Uma adequação entre os especialistas e as disciplinas da diversidade dos currículos deve ser garantida pelos gestores (que devem possuir formação para o exercerem a especificidade das suas funções)
- 4- Condições salariais dignas (pois a indignidade dessas condições fragiliza este tesouro)
5. A instituição de processos educativos (paradigmas educacionais) que possibilitem a incorporação do espírito científico (a exemplo dos programas de iniciação científica que devem estar presentes desde do ensino de base) o que implica na existência de políticas públicas de fomento a investigação.
- 5- Um ensino que se caracterize por ser menos informativo que formativo.
- 6- Um ensino que se caracterize por ser decolonial e antinecropolítica.

O que significa aprender a fazer?

O aprender a fazer refere-se essencialmente a uma das dimensões da formação do educando que é da prática. Consiste essencialmente em aplicar, na prática, os seus conhecimentos teóricos. Recobre toda a diversidade de práticas

(estágios curriculares, estágios de férias, estágios profissionais etc.).

A dimensão aprender a fazer está relacionado a esfera psicomotora. Aprende melhor o estudante a quem ensinamos como é que o feijão cresce, que for encorajado a plantar e acompanhar o brotar da planta. Aprende melhor o estudante de clínica que além de aprender teorias é encorajado a aplicá-las por intermédio da oferta de serviços a comunidade e se encantar com o efeito da aplicação destas no âmbito da vida dos usuários desta que podem usufruir de uma terapia.

O que significa aprender a viver com os outros?

Este eixo diz respeito à área das atitudes e valores. É objeto deste eixo o combate ao conflito, às rivalidades milenares ou diárias. Ações que valorizem a coletividade em detrimento da individualidade, a exemplo da inserção de jovens em projetos de ajuda social, voluntariado, entre outros e a participação em projectos comuns que possibilitem a descoberta de pontos comuns entre os povos permitindo-os superar os preconceitos são bem-vindas.

O que significa aprender a ser?

Este tipo de aprendizagem depende diretamente dos outros três. Considera-se que a Educação deve ter como finalidade o desenvolvimento total do indivíduo. À semelhança do aprender a viver com os outros, este eixo tem relação com a introjeção de valor, mas já não direccionados para a vida social, mas para o desenvolvimento individual.



Aprender a conviver com os outros e aprender a ser diz respeito ao desenvolvimento de competências socioafectivas.

A moldagem do ser humano constitui o principal objetivo da educação, se esta dimensão última não for alcançada que e a transformação, formação do ser, todo o resto não terá significado. É necessário que a diversidade de intervenientes das instituições de ensino saiba que mais importante das suas funções é a moldagem do carácter e que é por meio da moldagem do carácter que promove-se a saúde mental e conseqüentemente o desenvolvimento das sociedades, isto é, que se constrói um sócios saudável em contraposição as forças que operam no sentido de produzir um convívio destruído.

Mais do que ensinar conteúdo relativo à determinada etapa de escolarização diz-nos Flávio Batista, a principal tarefa das instituições de ensino deve consistir em ensinar a viver, a alcançar a realização. Se esta questão não for acomaltada todo o resto perde a sua importância. Diz-nos também Moraes que é “mais importante preparar o estudante para uma vida socialmente relevante, do que um curso específico” (Moraes,1998, p.5).

Que formar o estudante para uma vida socialmente relevante implica não apenas a transmissão de conhecimento técnico, não apenas a famosa instrução, mas acima de tudo na transmissão de valores é o que demonstra também Flávio Batista quando afirma que a ética deve ser “inspiradora do agir e do pensar na escola” (Batista, 2010, p.6).

Assim sendo, segundo Batista, além de transmissor de conhecimento específico o campo de ensino deve contribuir para a

formação/ transformação subjetiva do estudante.

A educação deve para esse autor permitir “alcançar a realização” (Batista, 2010, p.1) possibilitar “a aquisição da virtude” (Ibidem, p.6) e deve se atribuir ao termo virtude, prossegue esse mesmo autor, “o sentido que ela (essa palavra) tinha para os gregos, vale dizer nada menos que a excelência” (p.6).

Tornar-se um exemplo vivo das virtudes apreciadas em uma sociedade, eis o convite que um educador não só pode, como deve fazer àquele que acompanha. Educar nos diz Edgar Morin, deve consistir em acima de tudo em “ensinar a viver” (Morin, 2001, p.29).

Eis caracterizada, a fundamental tarefa das instituições de ensino e aprendizagem, a saber, a moldagem da subjetividade, a formação/ transformação do carácter. Abrir mão desta tarefa, nos diz ainda Batista, “significa fracassar naquilo que é fundamental na educação e tudo o que viesse a ser feito seria em vão. O que pensarmos em educação, didática, metodologia, planejamento de conteúdos, estratégias e recursos, formação de professores, organização escolar” (Batista, 2010, p.1) deve servir a esse aprendizado maior.

Neves (1960) também afirma que as instituições de ensino têm uma contribuição a dar no que diz respeito a formação do carácter e conseqüentemente na promoção da saúde mental e que este processo deve ter início desde o ensino primário.

Diz-nos o autor, abramos aspas,

[...] que nunca o educador de infância se pode limitar a dar instrução ou o saber, há de ensinar



também a criança a dirigir-se e a viver, há de ajudá-la a subir, a ascender, a triunfar da ignorância e das más tendências, há de fortalecê-la no espírito e no coração, há de levá-la também a revigorar-se do corpo e da alma contra os perigos e traições que constantemente lhe ameaçam a saúde e põem em risco a sua perfeita integridade e, mais até, o seu próprio destino. Depois dos pais, o professor é em larga medida o obreiro da sua felicidade e desgraça [...] seria mutilar gravemente a personalidade da criança se a escola cometesse o erro de se preocupar somente com introduzir os conhecimentos teóricos daria mostras de desconhecer lamentavelmente o verdadeiro sentido da palavra educação. (Neves, 1960, p. XIII, XIV).

[...] a missão da escola acrescenta o mesmo autor não é apenas em promover a instrução da criança, há de forçosamente interessar-se também por tudo o que diz respeito ao perfeito desenvolvimento” (Neves, 1960, p.338).

Não são apenas os portadores de perturbações mentais que possuem problemas de saúde mental, todos nós possuímos em maior ou menor grau. Já afirmava o grande Sigmund Freud (1937) que a normalidade é uma quimera, uma ficção.

2.1. Não se nasce decolonial e anti-necropolítico, as pessoas se tornam anti-necropolíticas e decoloniais por intermédio da educação

Por necropolítica devemos entender o conjunto de dispositivos e forças de

É preciso acrescentar que podemos lidar com a saúde mental numa vertente curativa, após o equilíbrio destruído (depois de eu me tornar um adepto da supremacia branca e matar um negro, depois de praticar feminicídio devido ao machismo, entre outros), ou numa vertente de prevenção e promoção da saúde e que é nesta última vertente que as instituições de ensino têm um papel fundamental.

O racismo, o machismo, a homofobia, a xenofobia, o egoísmo, o egocentrismo, a megalomania, a mercantilização das relações interpessoais, a mercantilização e da profissão, são problemas de saúde mental, muito presentes entre nós.

O trabalho de moldagem do carácter executado nas instituições de ensino promove saúde mental na medida em que devemos formar para responsabilidade social, para o desenvolvimento sustentável, para a equidade de género, para a ética e vergonha na cara, para o respeito, para a honestidade, para a solidariedade, para o amor a justiça, para o altruísmo, para a tolerância para diferença e diversidade, para a prática da misericórdia e da caridade etc.

Acrescenta-se a estes valores uma lista infindável de outras riquezas que podem e devem ser ensinadas. Pessoas assim formadas, moldadas, constituem as riquezas dos países pois são elas os tipos de seres humanos capazes de construir sociedades justas, sócios saudáveis, isto é, sociedades decoloniais e antinecropolíticas.

aniquilação de pessoas próprios ao poder hegemônico (Costa, Queiroz, 2021), Os



adeptos da decolonização (Reis, Andrade, 2018) ou do decolonial pertencem a uma escola de pensamento latinoamericana que faz crítica a universalidade do conhecimento e ao predomínio da cultura ocidental (local de onde a diversidade de ideologias promotoras de morte são oriundas).

O principal objetivo desta escola é desvincular este sistema (patriarcal, racista, xenófobo, transfóbico etc.) produzido no ocidente de poder, enfraquecendo-o. O que significa trabalhar em prol da vida e não da morte. Na prática, isso significa fazer cair ideologias promotoras de morte como o racismo, a xenofobia, o machismo, a transgenerofobia, entre outras. Exercer a

decolonialidade significa é sobretudo lutar contra o que o camaronês Achile Mbembe deu o nome de necropolítica (Mbembe, 2008).

Educar para decolonialidade e para antinecropolítica (Oliveira, Candau, 2010) diz respeito, no contexto dos pilares da educação contemporânea, ao eixo socioafectivo que compreende aprender a viver com os outros e aprender a ser. E preciso educar para decolonialidade e antinecropolítica, pois como sustenta Fanon "pela humanidade, e necessário modificar os procedimentos, desenvolver um novo pensamento, tratar de pôr um novo homem em pé". (Fanon, 2002, pp. 304-305).

3. Para concluir

Neste trabalho sustentamos quatro teses:

A primeira é que as desigualdades sociais constituem realidades sociais complexas, mas que podem ser compreendidas e modificadas.

A segunda é que as desigualdades têm subjacente um sistema de ideologias que, não por acaso, são também as promotoras da necropolítica.

A terceira tese foi que existe um poderoso antídoto para as desigualdades

que caracterizamos como sendo a educação integral, educação caracterizada como necessariamente decolonial e antinecropolítica.

Finalizamos a sustentar que, por tudo isso, pós pandemia e frente ao acirrar das desigualdades é dever (tarefa de casa) do sistema educativo (em todos os seus níveis) e da diversidade de saberes contribuir para a construção de um mundo decolonial e antinecropolítica.

Referência

Almeida, Janaiky Pereira de. (2010) *As multifaces do patriarcado: uma análise das relações de gênero nas famílias homoafetivas*. 119f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social,

Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Batista, Flávio Donizete (2010). *Uma reflexão filosófica no cotidiano do educador*. Disponível em <<https://doczz.com.br/doc/209763/>>.



Acesso em 03 de março de 2015.
www.flaviobatista.com.br

Bourdieu, Pierre (1979). *La Distinction. Critique Sociale du Jugement*, Paris, Minuit.

Costa, António Firmino (2012). Desigualdades globais In *Sociologia problemas e práticas*, Lisboa, Editora Mundos Novos, p. 9-32.

Costa, Jose Luiz Silva & Queiroz, Leticia Lucindo (2021). Descolonizar o poder: reverberações de Foucault em Mbembe (Neoliberalismo + Biopolítica + Governamentalidade = Necropolítica Mundial). *Cadernos Cajuína*, V. 6, N. 1, 2021, p. 115-130. ISSN: 2448-0916. Disponível em <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/453>. Acesso em 9 de agosto de 2021.

Delors, Jacques (org.). (2012). *Educação um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Editora Cortez, 7ª edição

Estrela, Fernanda Matheus; Soares, Caroline Fernandes; Cruz, Moniky Araújo; Silva, Andrey Ferreira; Santos, Jemima Raquel Lopes; Moreira, Tânia Maria Oliveira; Lima, Adriana Brait; Silva, Márcia Gomes (2020). Pandemia da Covid 19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. *Ciência e Saúde Coletiva*. 25 (9), set2020. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.14052020>. Acesso em 9 de agosto de 2021.

Fanon, Frantz. (2002). *Os condenados da terra* Paris: A descoberta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Freud, S. (1937/1976). Análise Terminável e interminável. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro: Imago.

Gomes, Kyres Silva. (2020). Violência contra a mulher e Covid-19: *Revista Espaço Acadêmico*, v.20, n. 224, set./out.2020, pp. 119-129. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/55007>. Acesso em 09 de agosto de 2021.

Freud, S (1937) Análise terminável e interminável. *Obras completas de Sigmund Freud*, Edição Standart Brasileira, Rio de Janeiro:Imago,1976.

Hammerschmidt, Karina Silveira de Almeida; Bonatell, Lisiane Capanema Silva; Carvalho, Anderson Abreu (2020). Caminho Da Esperança Nas Relações Envolvendo Os Idosos: Olhar Da Complexidade Sobre Pandemia Da COVID-19. Seção Especial COVID-19. *Texto Contexto Enfermagem*. V.29. Disponível em <https://www.scielo.br/j/tce/a/x4d7CB47S-qcvysB8zwb9RpJ/?lang=pt>. Acesso em 25/09/2021.

Marques, Emanuele Souza; Moraes, Claudia Leite; Hasselmann, Maria Helena; Deslandes, Suely Ferreira; Reichenheim, Michael Eduardo. (2020). A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública*, Espaço Temático: Covid-19 - Contribuições Da Saúde Coletiva 36 30(4), Abr2020. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>. Acesso em 09 de agosto de 2021.



MBEMBE, Achille. (2018) *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: Edições N-1.

Neves, João (1960). *Higiene geral e escolar*. 4ª edição. Porto: Editora Educação Nacional.

Oliveira, Luiz Fernandes, Candau, Vera Maria Ferrão (2010). Pedagogia Decolonial E Educação Antirracista e Intercultural No Brasil. *Educação em revista*, 26 (1), Abr 2010, p.15-40, Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002>>. Acesso em 09 de agosto de 2021.

ONU (2020) *Mulheres Brasil*. Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta. Brasília: ONU Mulheres Brasil. Disponível em <https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf>. Acesso em 06 de agosto de 2021.

Reis, Maurício de Novais. Andrade, Marcilea Freitas Ferraz. (2018). O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. *Revista Espaço Acadêmico*. 17(202), 01-11. Disponível em <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070>>. Acesso em 09 de agosto de 2020.

Smith, James A., Judd, Jenni (2020). COVID-19: Vulnerability and the power of privilege in a pandemic. *Heal Promot J Aust.*, mar2020, 31(2), pp. 158-160. Disponível em <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/hpja.333>>. Acesso em 08 de agosto de 2020.

Lima, Sonia Oliveira; Silva, Manuelli Antunes; Santos, Marina Luzia Duarte; Moura, Amanda Maria Menezes; Moura; Sales, Lara Gabriella Dultra; Menezes, Luís Henrique Santos; Nascimento, Gustavo Henrique Barboza; Oliveira, Cristiane Costa da Cunha; Reis, Francisco Prado; Jesus, Carla Viviane Freitas. (2020). Impactos no comportamento e na saúde mental de grupos vulneráveis em época de enfrentamento da infecção COVID-19: revisão narrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, volume especial 46, e4006, jun2020. <https://doi.org/10.25248/reas.e4006.2020>

Veloso, Helena Cosma Graça Fonseca As condições epistemológicas do discurso sobre o inconsciente, *Psyche* (São Paulo), v.12, n.22, São Paulo, jun.2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000100013. Acesso em 06 de agosto de 2020.

Recebido em: 27/10/2021

Aceito em: 20/12/2021

Nome: Helena Cosma Graça Fonseca Veloso

Email: helenaveloso@hotmail.com

Endereço para correspondência: Rua Massano de Amorim, casa s/n, Ilha de Luanda, Angola



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)